

NARRATIVAS COMPARTILHADAS: O ENSINO DA ARTE NA UFPEL E O PROFESSOR ARTISTA

Ursula Rosa da Silva/Universidade Federal de Pelotas

RESUMO

Este artigo traz parte da pesquisa que trata da história do Instituto de Letras e Artes (atual Centro de Artes da UFPel/RS), passando por suas mudanças de estrutura e denominação desde 1973 até 2010. A fonte de pesquisa é o acervo desta instituição, em sua documentação escrita e fotográfica, essencialmente. O enfoque é o ensino, as metodologias dos professores na formação e a inserção do ILA na comunidade pelotense e da Região Sul do RS. O estudo tem como aporte teórico a pensadora Marie-Christine Josso, com seu método biográfico, a partir do qual considera que as histórias de vida são fundamentais para a constituição do processo de formação. O texto apresenta reflexão a respeito da metodologia de ensino de um ex-professor da instituição, professor José Érico Cava e apresenta seu pensamento e expressão de artista/professor a partir de uma exposição realizada no MALG (Museu Leopoldo Gotuzzo).

PALAVRAS-CHAVE: “ensino de arte”; “formação”; “metodologia de ensino”.

Histórias Costuradas

As memórias da docência estão, em geral, ligadas a aspectos biográficos, ou seja, quando se fala de uma metodologia aplicada por professores, também é preciso considerar o modo como estes professores se formaram, como vêem o mundo, quais as suas expectativas no campo do ensino, enfim, a pessoa que ensina é parte do processo de ensino, e suas escolhas estão, a todo o momento, influenciando seu modo de agir e sua atuação como docente e como formador.

Nesse sentido, a pensadora Marie-Christine Josso, que trabalha com o método biográfico, mostra como as histórias de vida são fundamentais para a constituição do processo de formação. Na obra *Experiências de Vida e Formação*, ela apresenta alguns tópicos que desenvolveu em sua tese de doutoramento (publicada em 1991, com o título *Caminhar para Si*) e também aborda a importância das histórias de vidas, como material de apoio na investigação sobre formação, principalmente no espaço universitário. Para Josso (2010, p. 31), o enfoque por histórias de vida tem dois objetivos: evidenciar o modo como o pesquisador modifica seu posicionamento ao se envolver e aprimorar a metodologia de pesquisa-formação vinculada a uma história de vida; e constituir um novo campo de reflexão, abrangendo a formação e a autoformação.

A descrição dos processos de formação e de conhecimento, sob a forma de gêneros de saber-fazer e de conhecimento, permite reagrupar o que foi aprendido em termos de transações possíveis consigo mesmo, com o seu ambiente humano [...] e com seu ambiente natural [...]. A narrativa de um percurso intelectual e de práticas de conhecimento põe em evidência os registros da expressão dos desafios de conhecimento ao longo da vida. Esses registros são precisamente os conhecimentos elaborados em função de sensibilidades particulares em um dado período. (JOSSO, 2010, p. 40-41)

Por outro lado, também se torna importante avaliar os aspectos da estrutura que a academia possibilita aos professores para que o trabalho pedagógico tenha um apoio, não apenas de base metodológica, curricular e conceitual, como também de âmbito da infra-estrutura, de um espaço que dê condições para que o processo de ensino-aprendizagem se efetive.

Além de historiografar os momentos vividos no Instituto de Letras e Arte (UFPel), este estudo retoma a produção dos professores no sentido de dar ênfase as suas concepções pedagógicas, sua visão do que significa o ensino de arte e quais as metodologias e procedimentos para efetivá-lo na formação tanto de artistas quanto de professores de artes. A pesquisa iniciou como uma necessidade de ver os protagonistas como pessoas, para além do registro histórico, além do rastro escrito, quem foram estes personagens no cotidiano de um ensino das artes no Sul do Brasil. Neste sentido, a memória do trabalho, de suas práticas de ensino, das vivências e das realizações de professores, alunos e funcionários é um dos enfoques que trazemos à tona.

E, assim como uma colcha de retalhos em que vamos cerzindo cada pedaço, vamos tecendo essas histórias costuradas, com seus detalhes, com suas especificidades, mostrando que os professores trazem algo de si para suas metodologias e atuações pedagógicas, de um lado e, de outro, a estrutura acadêmica vai organizando este espaço de atuação e desafiando os protagonistas no exercício cotidiano do processo de formar professores e de se formar simultaneamente.

A história do Centro de Artes da UFPel passou por várias transformações e denominações – Escola de Belas Artes Carmen Trápaga Simões (1949), Instituto de

Artes (1971), Instituto de Letras e Artes (1973), e Instituto de Artes e Design, de 2005 a 2010 – e pouco do cotidiano desta memória está registrada em textos com o enfoque da historiografia. Em 2010, o Instituto de Artes e Design uniu-se ao Conservatório de Música dando origem ao Centro de Artes da UFPel, passando a ofertar, então, dezessete cursos de Graduação, nas áreas das Artes Visuais, Cinema, Design, como ainda Música, Teatro e Dança.

Em setembro de 2012 foi organizado no Centro de Artes (UFPel) um encontro denominado *Memórias do Ensino da Arte: artes visuais e música*, em que foram convidados os professores aposentados para fazerem um relato de suas experiências, suas metodologias de ensino como docentes e suas estratégias como gestores no ILA/IAD. A partir deste encontro, percebemos a importância do registro das experiências de ensino dos professores de arte. Esta pesquisa, então, se configura no sentido de fazer este registro e promover ações para reflexão a respeito do tema, no âmbito da UFPel, e no campo da arte, de um modo geral.



Da esq. para dir.: Profa. Anaizi E. Santo; profa. Luciana Leitão; Profa. Zunilda Kauffmann; prof. José A. Érico Cava (Seminário *Memórias do Ensino da Arte: artes visuais e música*, UFPel, 2012)



Da esq. para dir.: profa. Elaci Schneider; profa. Anni Gerd; profa. Ceci Hirsch; profa. Iara Cava; Profa. Maria Dilma (Seminário *Memórias do Ensino da Arte: artes visuais e música*, UFPel, 2012)

O Ensino da Arte: pesquisa e produção

As pesquisas e ensaios escritos por professores do Centro de Artes podem dar um panorama das características deste ensino no período de 1973 a 2010, bem como podemos perceber que as mudanças nacionais em termos de reformas educacionais e curriculares têm uma relação direta com o modo como os cursos vão se desenhando ao longo da história.

A trajetória do artista-professor também merece ser vista pela história, não pela história da arte apenas, mas pela história de como fazer arte, ou seja, do processo a partir do qual surge a obra, da busca ou do modo como se busca para criar.

Para o professor e artista Érico Cava¹, a arte não segue regras, e uma das suas teses é que tudo se fundamenta na criatividade, tanto que em seu acervo bibliográfico, esse tema toma mais de 150 títulos. Uma de suas especialidades, segundo ele, é ensinar: “meu papel era desenvolver um pouco de coragem nas pessoas” (*apud* MARTINS, 2012, p.1.) Deste modo, o professor Cava sempre teve o

¹ **José Érico Alípio Cava** é Bacharel em Artes Plásticas/Pintura, ingressou em agosto de 1961 na Escola de Belas Artes Cármen Trápaga Simões, de Pelotas (EBA), como aluno, formou-se em 1963. Foi professor de Desenho no Colégio Pelotense e no logo Colégio Comercial Irmão Fernando. Na EBA ingressou para lecionar Pintura, Teoria da Cor e da Composição, Paisagem Urbana. Foi vice-diretor da EBA. No Instituto de Letras e Artes (ILA), a partir de 1978, lecionou da disciplina de Pintura; Expressão Gráfica; Expressão Plástica; Expressão em movimento I e II; Desenho Industrial (Design do objeto I e II); Arte Decorativa; Desenho Artístico | Programação Visual e Prática Profissional. Aposentou-se em 1991.

cuidado de registrar seus projetos, como elaboração, como pesquisa e como provocação para o outro, para aquele que se dispusesse a mergulhar nas suas experimentações, nas suas oficinas de criação. E nos relatos de ex-alunos e ex-colegas aparece esse deslumbre com a forma como o artista Cava propunha as vivências, nas quais entrando na proposta o aluno criava sem colocar impedimentos de limitações ou medos: “o professor Cava não cobra o saber criar. Ele põe as pessoas em uma situação que, quando se dão conta, já estão criando, acima de qualquer insegurança ou sensação de incapacidade”. (PELLEGRIN *apud* MARTINS, 2012, p.1).

Ele trata da criatividade e a relaciona com o pensamento elaborativo. Ele afirma que para desenvolver a criatividade é preciso considerar dois aspectos: o cognitivo e o comportamental. O aspecto cognitivo envolve sensibilidade (interna) para a vida, para o grupo, para a pessoa. O aspecto comportamental envolve uma atitude de estar aberto para o mundo, é se ver como criança, é encontrar sua criança interior. Os dois juntos tem como consequencia a criatividade.

É preciso observar, como a criança, tudo o que está ao nosso redor. Significa ter um modo de olhar, de ver, de contemplar, sem querer explicar e sem ter medo de ousar. A criatividade acontece ao estimular o pensamento elaborativo, por meio de informações. Por exemplo, por meio de encontros experimentais, como algumas Oficinas que ele propôs em escolas, em que ele possibilita momentos com bilhetes figurativos e semânticos; em que descreve sentimentos, e a partir daí brota o ser criativo. O homem criativo é o homem comum, não é preciso que se mexa nas suas características. É preciso haver uma proposta de trabalho, em que se apresente o risco, é preciso correr um risco intelectual, sair da zona de conforto, arriscar, estar aberto para arriscar. O desenho, o design, vem da profusão de idéias, de palavras, jogando varias palavras, qualidades advindas da vida. Da quantidade, a fluência de idéias (qualidades), mais a flexibilidade do pensamento elaborativo resultam na originalidade, na criação. A quantidade provoca a redefinição, a transformação. O pensamento avaliativo, de pesquisa, transforma, junto com a elaboração, que completa a obra. Mas demanda persistência.

Assim, este estado de abertura para o mundo une-se ao fator de liberdade da arte de não seguir regras, mais a mistura de pintura, colagem, e uma diversidade infinita

de materiais (desde areia e miçangas a prendedores de roupa e bases de taças), este encontro e pesquisa resultam na obra de Érico Cava.

Em uma Exposição de Cava, que aconteceu em 2012 no Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo, em Pelotas, o professor/artista faz uma apresentação de obras acompanhadas de textos tratando do processo de criação; de experiências que levaram à criação e de provocações ao espectador para refletir sobre as possibilidades do pensamento criativo, dando assim a sua contribuição com novos sentidos para a obra.



Figura 6: Série Xadrez – Ceia I (Glória)
Fonte: acervo MALG

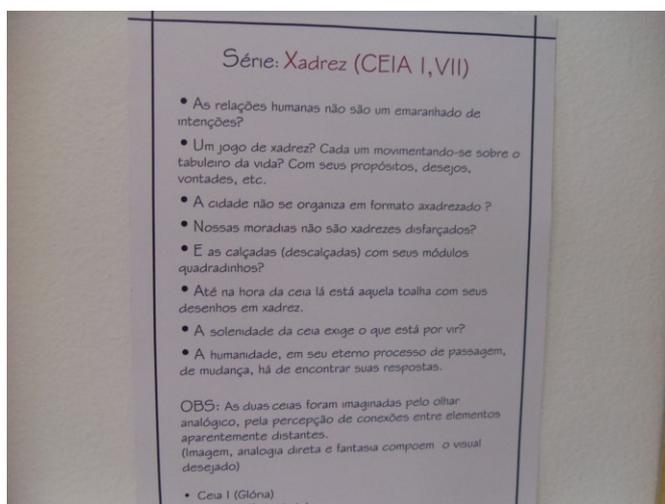


Figura 7: Texto que acompanha a obra Série Xadrez – Cena I
Fonte: acervo MALG

Na série Xadrez, Cava compara as relações humanas com o jogo de xadrez, e lança várias perguntas, como que para fazer o espectador refletir sobre suas próprias relações e como, este que percebe a obra, faria a seu modo a expressão destas relações, se seguisse esse roteiro de questionamento. E ele conta que compôs a cena fazendo uma comparação, analogia direta, entre 'elementos aparentemente distantes' e que a obra é composta de 'imagem, analogia direta e fantasia'.



Figura 8: Série Campos Neutrais (sambaqui I)
Fonte: acervo MALG

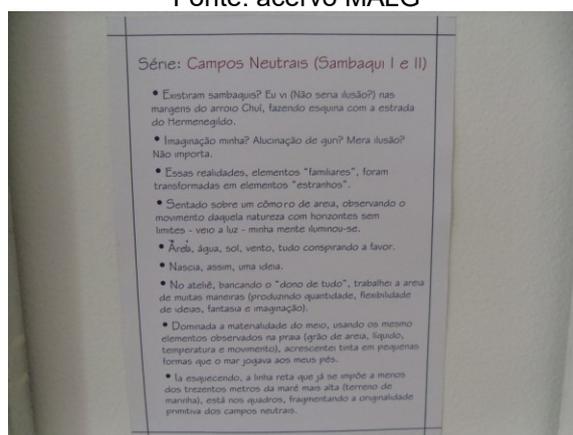


Figura 9: Texto que acompanha as obras Série Campos Neutrais I e II
Fonte: acervo MALG

No texto que acompanha as obras da Série Campos Neutrais, Cava descreve o processo de criação da obra, desde suas memórias e de seus momentos no arroio Chuí próximo à praia do Hermenegildo. Os elementos que contribuíram para a

criatividade aflorar: areia, água, sol, como ele diz “essas realidades, elementos ‘familiares’ foram transformados em elementos ‘estranhos’. E ali, observando aqueles elementos que foram se tornando estranhamento do mundo, Cava teve um impulso para criar: “nascia, assim, uma idéia”. O professor Cava, então, escreve como o processo inebriante, impulsivo da criação acontece:

No ateliê, bancando o dono de tudo, trabalhei a areia de muitas maneiras (produzindo quantidade, flexibilidade de ideias, fantasia e imaginação). Dominando a materialidade do meio, usando os mesmos elementos observados na praia (grão de areia, líquido, temperatura e movimento), acrescentei tinta em pequenas formas que o mar jogava aos meus pés. (CAVA, Texto que acompanha as obras Série Campos Neutrais I e II)

Nesta citação temos a apresentação da metodologia da criação que o professor Cava passou a defender, ou seja, produzir quantidade, flexibilidade de ideias é colocar no papel ou à disposição tudo que está a nossa volta e que nos vem como idéia, palavras, nomes do objetos, valores, adjetivos, tudo. E junto a essa profusão de palavras a fantasia e a imaginação para dar o tempero, a magia da criação. Essa é a sua fórmula, que serve não tanto como receita, mas como pretexto para inventar ou apenas para vira a vontade de fazer arte.

Notas

1. José Érico Alípio Cava é Bacharel em Artes Plásticas/Pintura, ingressou em agosto de 1961 na Escola de Belas Artes Cármen Trápaga Simões, de Pelotas (EBA), como aluno, formou-se em 1963. Foi professor de Desenho no Colégio Pelotense e no logo Colégio Comercial Irmão Fernando. Na EBA ingressou para lecionar Pintura, Teoria da Cor e da Composição, Paisagem Urbana. Foi vice-diretor da EBA. No Instituto de Letras e Artes (ILA/UFPel), a partir de 1978, lecionou da disciplina de Pintura; Expressão Gráfica; Expressão Plástica; Expressão em movimento I e II; Desenho Industrial (Design do objeto I e II); Arte Decorativa; Desenho Artístico | Programação Visual e Prática Profissional. Aposentou-se em 1991.

Referências

Arquivo do Centro de Artes. UFPEL, Pelotas.

Coleção Marina de Moraes Pires; IN: Arquivos do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo, Pelotas.

BOURDIEU, Pierre. As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. A Economia das Trocas Simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 1992.

_____; PASSERON, Jean Claude. A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino. 3. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1992.

FRANCO, Janice Pires Corrêa. Memória de Marina. Pelotas: Editora Livraria Mundial, 2008.

JOSSO, Marie-Christine. Experiências de vida e formação. Editora Paulus, 2010.

LEITÃO, Luciana E. "A Ludoteca no Centro de Artes", IN: SILVA, Ursula R. (org.). Arte na Escola: Diálogos Interdisciplinares. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária, 2011, p.57-62.

MAGALHÃES, Clarice Rego. A Escola de Belas Artes de Pelotas: da fundação à federalização (1949-1972) – uma contribuição para a história da educação em Pelotas. Dissertação de Mestrado. Pós Graduação em Educação da UFPel. Pelotas, 2008.

MARTINS, Luísa Rolg. "Criatividade em Cores". Jornal Diário Popular, Pelotas, 13 ago. 2012, Caderno Zoom, p.1.

RICOUER, P. A Memória, a história e o esquecimento. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

SILVA, Ursula R. da. A Fundamentação Estética da Crítica em Arte de Ângelo Guido: a crítica de arte sob o enfoque de uma história das ideias. Tese de Doutorado, Pós-Graduação em História. PUC/RS, 1992.

SILVA, Ursula R. da; LORETO, Mari-Lúcie. História da arte em Pelotas: a pintura de 1870 a 1980. Pelotas: EDUCAT, 1996.

SILVA, U. R. Nelson Abott de Freitas e a Crítica das Artes Visuais. Pelotas. EDUFPEL, 2004.

STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena (orgs). Histórias e Memórias da Educação no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

Ursula Rosa da Silva é Doutora em Educação (UFPel/2009); Doutora em História (PUC-RS/2002), Mestre em Filosofia (PUC-RS/1992) e Licenciada em Filosofia (UCS/1989). Professora associada na UFPEL/RS atua no Centro de Artes, nos Cursos de Graduação e Especialização em Artes Visuais e no Mestrado em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas. É líder do NEAP (Núcleo de Estudos em Arte e Patrimônio) junto ao CNPq, e é diretora do Centro de Artes da UFPel desde 2013.